

LINGUAGEM E PENSAMENTO: UMA PREOCUPAÇÃO DE LINGÜISTAS E FILÓSOFOS

Rafael-Eugenio Hoyos-Andrade*

HOYOS-ANDRADE, Rafael.Eugenio. Linguagem e pensamento: uma preocupação de lingüistas e filósofos. *Alfa*, São Paulo, 24:109-16, 1980.

RESUMO: Trata-se de um balanço das afirmações feitas hoje por lingüistas (e alguns filósofos) referentes ao problema da relação entre linguagem e pensamento. Os depoimentos foram organizados pelo autor a partir da análise dos trabalhos constantes da bibliografia. Dita análise foi realizada com a colaboração dos alunos de Teoria Lingüística (Pós-Graduação, 1.º semestre de 1980) do Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis.

UNITERMOS: Lingüística geral; Teoria lingüística; Filosofia da linguagem; Psico-lingüística.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Segundo afirma Georges Mounin o estudo das relações que medeiam entre linguagem e pensamento ficou relegado durante vários decênios do presente século ao domínio da filosofia.

Com efeito, por influência especialmente da lingüística norte-americana — estruturalista, positivista e assemantista (por não dizer antissemantista) — abandonou-se, durante pelo menos trinta anos (1930-1960) aproximada-

mente, o estudo lingüístico do pensamento. Hoje, porém, lingüistas que militam em diferentes escolas incluem, sem preconceitos, dentro de suas considerações aquela que se refere à natureza das relações que existem entre pensamento e linguagem. Deve-se a Chomsky (3), em grande parte, essa mudança de atitude.

1.2. Pretendemos neste trabalho fazer um balanço do que alguns lingüistas contemporâneos dizem a respeito desse problema, sem excluir reflexões de alguns psicólogos

* Professor Assistente-Doutor do Departamento de Lingüística e Língua Portuguesa do Instituto de Letras, História e Psicologia, Campus de Assis, UNESP.

que se dedicaram ou se dedicam ao esclarecimento desse enigmático relacionamento. O método empregado para chegar a este balanço foi o seguinte: a partir dos trabalhos mencionados na bibliografia elaboramos uma lista de textos e citações pertinentes; organizamos depois desses depoimentos em capítulos, procurando ser objetivos. Todavia, a escolha de textos de um lado e os critérios de organização de outro não deixam de ser, como é óbvio, uma contribuição pessoal e nesse sentido subjetiva. Supérfluo seria dizer que não pretendemos ser exaustivos: o balanço prende-se e limita-se ao conteúdo dos trabalhos mencionados na bibliografia e algumas considerações do autor. Deixamos de lado intencional e explicitamente a abordagem sistemática dos problemas e teorias relacionados com a aquisição da linguagem. Daí que não tenhamos explorado as opiniões de Chomsky (3). Estas referem-se, como é bem sabido, de maneira específica a este aspecto das relações entre linguagem e pensamento.

2. CARACTERÍSTICAS ATRIBUÍDAS À LINGUAGEM E AO PENSAMENTO

2.1. A linguagem, que não tem unicamente valores referenciais mas também afetivos, não exprime o fato particular, individual, concreto; ela expressa somente o geral, o abstrato (Buyssens, 1). Desse modo, sendo genérica, ela padroniza realidades e pensamentos facilitando a comunicação: a linguagem unifica, sob o mesmo nome, reali-

dades diferentes mas que possuem algo em comum.

Com tudo, a linguagem pode atingir o individual, referir-se ao concreto mediante a convergência de designações genéricas que, coincidindo num só e mesmo indivíduo, permitem a sua identificação, ou mediante procedimentos mostrativos ligados intimamente a contextos situacionais.

A linguagem, por outro lado, não é lógica, nem ilógica: ela é anterior ao lógico. Só os atos de fala podem ser lógicos ou ilógicos (Coseriu, 2). Mas a linguagem é instrumento do conhecimento, como quando nos servimos dela para raciocinar, isto é, para adquirir novos conhecimentos a partir dos que já possuímos (Leontiev, 5).

As categorias da língua não são convenções conceituais, mas realidades, do discurso sem que, porém, se identifiquem com os esquemas formais em que se materializam. Elas são modos significativos universais que se expressam diferentemente em diferentes línguas (Coseriu, 2).

A essência da linguagem está no diálogo, na comunicação: poder falar e poder entender (Coseriu, 2). Ao falar, porém, o falante não é consciente de tudo quanto existe na linguagem (Leontiev, 5). O falante não estabelece paralelismo entre unidades de linguagem e unidades de pensamento e/ou da realidade.

A linguagem, instrumento livre do pensamento, é específica do ser humano (Chomsky, 3). Mas no seu

estudo é metodologicamente necessário evitar as pressuposições tomadas a outras ciências. As explicações psicológicas da linguagem não podem ser incompatíveis com os dados lingüísticos: é o mínimo que se pode esperar (Mounin, 7, citando Whitney, Bloomfield e outros).

2.2. O pensamento, por sua vez, é a capacidade de estabelecer generalizações. A conceptualização é fruto das generalizações. Os conceitos não são o resultado de simples associações de elementos concretos. Mais ainda, eles têm valor cumulativo e não simplesmente aditivo, pois interagem formando um sistema (Vygotsky, 4).

A significação de uma frase não é simplesmente a soma dos significados lexicais das palavras que integram essa frase (Potter, 8). O conjunto é qualitativamente diferente da soma de suas partes, segundo a teoria gestáltica das formas.

O pensamento não se identifica com a realidade. Daí que não deve confundir-se o semântico com o real (Coseriu, 2).

O pensamento é mais rico do que a linguagem. Isto faz com que nem tudo possa ser dito (Buyssens, 1), embora a linguagem esteja a serviço do pensamento (Leontiev, 5). É exagerado, porém, segundo Ullmann (9), afirmar que certas coisas não podem ser ditas em determinada língua.

3. NATUREZA DESTA RELAÇÃO. CONDIÇÕES E OUTROS ASPECTOS DO SEU ESTUDO

3.1. Apesar de os autores caracterizarem tanto a linguagem quan-

to o pensamento de modo bastante preciso, todos eles são unânimes, implícita ou explicitamente, em reconhecer que ainda hoje se desconhece a natureza exata das relações entre pensamento e linguagem (Mounin, 7).

O estudo da natureza desta relação não se deveria, com tudo, abordar sem uma conveniente preparação prévia tanto lingüística quanto filosófica por parte do pesquisador. É necessário também passar do estágio das meras opiniões subjetivas ao da observação metódica e da análise objetiva das relações entre linguagem e pensamento; sem esquecer de declarar explicitamente as coisas que não sabemos sobre ditas relações (Mounin, 7).

3.2. Para chegar a determinar de um modo mais preciso os caracteres essenciais de dita relação, seria necessário estudar metodicamente fenômenos como estes:

a) O sentimento de, às vezes, não podermos exprimir os nossos pensamentos.

b) O fato de muitas vezes falarmos pensando em outra coisa.

c) A unicidade e inefabilidade da experiência individual (fato que implicaria pensamento sem linguagem).

d) Existência de representações conscientes não verbalizadas nem verbalizáveis (p.e. semelhanças físicas entre pessoas, reconhecimento das vozes das pessoas, das suas maneiras de andar, etc.) (Mounin, 7).

3.3. Constata-se, por outro lado, que essa relação é *arbitrária* (no sentido saussureano): não existe ligação necessária entre significantes e significados sintáticos: noutros termos, uma mesma idéia, um mesmo pensamento pode ser expresso mediante estruturas sintáticas muito diferentes (Mounin, 7).

3.4. Este fenômeno leva-nos, naturalmente, a considerar a necessidade de explorar domínios como o da tradução, o do aprendizado de línguas (tanto da materna, como das segundas línguas) e o da patologia da linguagem, no intuito de detectar as características e a natureza da relação linguagem/pensamento. Existem já pesquisas (ver Ullmann, 9), mas seria preciso coordenar e interpretar devidamente seus resultados à luz de critérios científicos, uniformes, objetivos (Mounin, 7).

3.5. Finalmente, já que o interesse atual nesse tipo de pesquisa foi em grande parte estimulado pelas colocações de Chomsky e de seus seguidores, Mounin (7) considera necessária uma avaliação objetiva, profunda e serena das opiniões do fundador da Escola Gerativa Transformacional. Esta avaliação supõe um detido exame dos pressupostos epistemológicos da escola dos quais deriva a concepção chomskyana da natureza da linguagem e de suas relações com o pensamento. Esse estudo nos permitirá concluir se Mounin tem ou não razão quando diz que "De um modo geral Chomsky propôs uma teoria formal, de maneira bastante pouco racional, à base de exposições de caráter freqüentemente polêmico e literário (como *A lingüística cartesiana*,

A língua e o pensamento, entre outros), de caráter também muito descontínuo, com repetições e lacunas que o autor reconhece manifestamente, mas que seus seguidores na prática nunca levam em consideração"... "Trata-se menos de um modelo do que de um ante-projeto de modelo".

4. A LINGUAGEM INFLUENCIA O PENSAMENTO E ESTE, POR SUA VEZ, INFLUENCIA A LINGUAGEM

4.1. Bem conhecida é a posição de Whorf (10) relativa à influência decisiva da linguagem sobre o pensamento. Segundo ele a estruturação configurativa da língua determinaria a estruturação do pensamento. Esta idéia que Whorf compartilha com Sapir ("hipótese Sapir-Whorf") e que remonta a Humboldt, foi, porém, exposta com muito maior clareza e com abundante exemplificação pelo lingüista americano. A visão interior (portanto "pensamento") que nós temos do mundo está determinada pela estruturação, funcionamento e características da nossa própria língua. Esta teoria torna-se insustentável no seu extremismo por diferentes razões que vão desde a impossibilidade de estabelecermos paralelismo entre duas estruturas (a da linguagem e a do pensamento) que se comportam globalmente ("gestalticamente"), até a circularidade que ele comete deduzindo primeiro as diferenças conceituais entre duas línguas das diferenças lingüísticas, para logo atribuir estas últimas a diferenças conceituais. Fica, porém, um saldo positivo, na opinião

de Mounin (7): podemos afirmar com toda objetividade que às vezes as estruturas lingüísticas podem influenciar a maneira como percebemos os fenômenos, embora não seja fácil verificá-lo. De que modo, efetivamente, pôr de manifesto uma "visão do mundo" (uma estruturação do pensamento) sem passar pela sua tradução verbal? Essa influência é mais facilmente constatável no domínio das ciências (Mounin, 7).

Em outra ordem de coisas, é inegável — como defende Malmberg (6) — a influência da linguagem sobre a opinião pública, e, portanto sobre o pensamento. Quem poderia desconhecer o valor dos "slogans" políticos e publicitários?

Se atendermos agora ao aparecimento dos conceitos na mente humana defrontamo-nos com as vigorosas afirmações de Vygotsky, fruto de suas pesquisas, segundo as quais a palavra é guia e orientação na formação dos verdadeiros conceitos. O pensamento, acrescenta ele, nasce mediante as palavras. Entre pensamentos e palavras há uma relação dinâmica: uma palavra sem pensamento é uma coisa morta, e um pensamento sem palavra permanece uma sombra. Mais ainda, são as palavras as que tornam conscientes os nossos pensamentos (Vygotsky, 4).

Por sua parte Leontiev (5) (discípulo de Vygotsky) distingue dois tipos de linguagem, uma que se emprega para fins de comunicação e outra que é *instrumento do pen-*

samento e que nos serve, portanto, para pensar. A esta ele chama — seguindo os passos do seu mestre — de *linguagem interior*.

4.2. Se a linguagem influencia o pensamento, não é menos verdade que o pensamento influencia a linguagem. Esta, com efeito, supõe atividade mental e intencionalidade significativa (Coseriu, 2). Ontologicamente falando diríamos que o pensamento é por essência anterior à linguagem. É ele que cria a linguagem no seu esforço de simbolização comunicativa. Essa prioridade ontológica é salientada plasticamente com a comparação que Vygotsky estabelece entre o pensamento e uma nuvem que "chove" palavras...

As diferentes visões do mundo não são, como pretendia Whorf (10), simples produto da diferente estruturação morfo-sintática das línguas. Estas visões explicam-se historicamente a partir das diferentes *práticas sociais* (Leontiev, 5). São estas que determinam a diferente decomposição do mundo, a diferente visão da realidade extra-lingüística. Essa visão, atitude mental ou sistema de pensamento, reflete-se na linguagem. Pode acontecer que a primitiva visão do mundo que deu origem, numa determinada língua, a um certo tipo de estruturação lingüística mude como consequência de mudanças sócio-culturais. Isso não impede que a estruturação lingüística, inicialmente reflexo de uma prática social anterior, continue vigorando nessa língua. Este seria mais um argumento contra a hipótese Sapir-Whorf.

5. PARALELISMO E UNIÃO. PORÉM, DESENCONTROS

5.1. A relação linguagem/pensamento pode ser também expressa em termos de paralelismo: assim como a denotação das palavras é genérica, também são genéricos os seus significados (Potter, 8). Noutros termos, palavras e pensamentos são abstratos. Já nos dizia a filosofia que o individual é indefinível, inefável e, em certo sentido, irreduzível a idéias. Como dissemos antes, só conseguimos determinar o particular, quer no domínio do pensamento, quer no da língua, pela convergência de significações genéricas em um mesmo processo designativo.

5.2. O paralelismo aludido, mais do que relação entre duas linhas que não chegam a encontrar-se, é descrito como união inextricável: pensamento e linguagem intimamente unidos são a chave para explicar a natureza da consciência humana. O pensamento verbalizado é o que nos faz conscientes (Vygotsky, 4).

A união é tão profunda que às vezes se ouve dizer que "língua e pensamento são no fundo a mesma coisa" (Malmberg, 6). Esta aparente identidade não é, porém, radical, segundo Vygotsky que defende a independência entre pensamento e linguagem na sua origem e no seu desenvolvimento. Comprova-se esta independência na existência de uma fase pré-lingüística do pensamento e de uma fase pré-intelectual da linguagem.

Embora, portanto, a união linguagem-pensamento seja inextricável isto não significa que haja confusão real ou conceitual entre eles. Diz-nos Vygotsky: "Justamente porque o pensamento não tem uma contraparte automática nas palavras, a transição do pensamento até as palavras faz-se mediante o significado". Em outros termos, essas duas realidades que são originariamente diferentes unem-se e de modo inextricável nos significados verbais. Esses significados constituem as "unidades de pensamento verbal" com as que Vygotsky operava.

5.3. A não identidade entre linguagem e pensamento demonstra-se a partir dos desencontros que, de fato, existem entre um e outro campo: uma mesma palavra, uma mesma forma lingüística, no interior de uma mesma língua, pode corresponder a pensamentos diferentes (por causa de contextos sócio-culturais diferentes) (Malmberg, 2 e Coseriu, 6).

Buysens (1) estuda toda uma série de desencontros:

(a) Uma única palavra corresponde, às vezes, a um pensamento complexo (a um conjunto de relações) enquanto um pensamento simples exprime-se, às vezes, mediante uma forma lingüística complexa. (Compare-se PAI com CÂMARA DE DEPUTADOS).

(b) A palavra, a forma lingüística é de natureza linear. O pensamento, em troca, é de natureza simultânea.

(c) Classes de palavras não se correspondem com classes de pensa-

mentos. (Os “substantivos” nem sempre correspondem a noções de “substanciais”).

(d) Usam-se construções que “ferrem a lógica” ou as “leis do pensamento”. (“O vento sopra”, sendo que “vento” já é “ar em movimento”...)

Dir-se-á, portanto, com o mesmo Buysens, que a língua não pode ser definida como “a expressão do pensamento”. Pode-se, com efeito, usar a língua — e seja este um exemplo — para ocultar o pensamento...

A perplexidade do linguista e do filósofo é grande, e o problema coloca-se de novo na sua integridade, quando comprovamos que até agora não se encontraram correlações simples, imediatas, unívocas, universais ou universalizáveis entre as estruturas da linguagem e o que se pensa saber das estruturas do pensamento (Mounin (7) citando Serus).

6. LINGUAGEM SEM PENSAMENTO?

O fato constatado acima da não identidade e da não correspondência bi-unívoca entre linguagem e pensamento, deveria obviamente levar-nos a concluir que é possível o pensamento sem linguagem. Nem todos, porém, concordam. Vygotsky, por exemplo, acha — citando Sapir em seu favor — que é uma ilusão afirmar que se pode pensar ou raciocinar sem linguagem. Buysens, pelo contrário, afirma que é

ilusão dizer que “se pensa numa língua determinada”.

Mounin (7) é mais explícito e, ao mesmo tempo, mais cauteloso quando diz que hoje temos provas convincentes realizadas com crianças normais, na idade pré-lingüística, e com surdos-mudos, de que existe pensamento sem linguagem. Esse pensamento sem linguagem não deve confundir-se com o simbolismo lógico-matemático que é de natureza pós-lingüística. Não existe, provavelmente, acrescenta Mounin (7), um corte abrupto entre pensamento sem linguagem e pensamento verbalizado: dá-se uma passagem gradual, contínua, casual e vacilante. (Este seria o lugar privilegiado da estilística, passagem permanente da experiência individual e inefável à mesma experiência verbalizada e socializável).

7. CONCLUSÃO

Eis o balanço de que falávamos na introdução. Um balanço bem modesto em resultados. O problema continua desafiando pesquisadores das diversas áreas do conhecimento. As afirmações definitivas — se alguma há — são poucas, os interrogantes muitos. Uma coisa, porém, é clara: não se pode mais separar taxativamente o estudo da linguagem e o do pensamento. Trata-se de duas realidades paralelas, não idênticas nem nocional, nem ontologicamente, mas dinamicamente interdependentes e tão inextricavelmente unidas como o estão na concepção saussureana o significante e o significado.

HOYOS-ANDRADE, R.-E. Linguagem e pensamento: uma preocupação de linguistas e filósofos. *Alfa*, São Paulo, 24:109-16, 1980.

HOYOS-ANDRADE Rafael Eugenio. Language and thought: a preoccupation of linguists and philosophers. *Alfa*, São Paulo, 24:109-16, 1980.

ABSTRACT: This is an assessment of some of the assertions made by contemporary linguists (and by some philosophers) concerning the problem of the relations between language and thought. Their opinions were almost exclusively taken from the works mentioned in the Bibliographical References at the end of this paper. The analysis of those works was made with the help of the Graduate Students attending the author's course in Linguistic Theory at the Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis, UNESP (first semester, 1980).

UNITERMS: General linguistics; Linguistic theory; Philosophy of language; Psycholinguistics.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BUYSSENS, E. Le langage et la logique. Le langage et la pensée. In: *Le Langage*. Paris, Gallimard, 1968. p. 76-90.
2. COSERIU, Eugenio. Logicismo y antilogicismo en la gramática. In: *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid, Gredos, 1967.
3. CHOMSKY, Noam. *El lenguaje y el entendimiento*. Barcelona, Seix Barral, 1971.
4. HARDY, William G. Thought and language: o pensamento de L. S. Vygotsky. In: — *Language, thought and experience*. Baltimore, University Park Press, 1978. cap. 13, 261-81.
5. LEONTIEV, A. *Linguagem e razão humana*. Lisboa, Presença, s/d, p. 7-97.
6. MALMBERG, Bertil. *La lengua y el hombre*. Madrid, Istmo, 1966. cap. 6.
7. MOUNIN, Georges. *Linguistique et philosophie*. Paris, PUF, 1975. cap. 7.
8. POTTER, Simeon. *A linguagem no mundo moderno*. Lisboa, Ulisseia, 1965. p. 171-84.
9. ULLMANN, Stephen. Lenguaje y pensamiento. In: *Lenguaje y estilo*. Madrid, Aguilar, 1973 p. 241-87.
10. WOLF, Benjamin Lee. A linguistic consideration of thinking in primitive communities — An American Indian Model of the Universe — Languages and Logic — Language, Mind and Reality. In: *Language, Thought and Reality*. Cambridge, M. I. T. Press, 1969. p. 65-85; 57-64; 233-45; 246-70.